



POLÍTICA OPERÁRIA

Volkswagen

Multinacional alemã anuncia o plano de demissões! Defender os empregos por meio da greve com ocupação de fábrica e implantando o controle operário da produção

A multinacional alemã Volkswagen anunciou o seu plano de cortes de gastos: demissão e fechamento de fábricas. Alega a transição para os carros elétricos, a baixa demanda e a concorrência com os carros chineses. Assim, comunicou o fechamento de duas fábricas na Alemanha, entre elas está a tradicional fábrica, localizada em Wolfsburg. Além disso, anunciou que fará revisão nos acordos pactuados com os 680.000 metalúrgicos, que têm em todo mundo.

Os 25 mil metalúrgicos em assembleia na sede da empresa, em Wolfsburg, protestaram contra os cortes diante do dirigente financeiro da multinacional. A direção sindical prometeu realizar greves e disse que não deixará de lado a reivindicação

de reajuste salarial. No entanto, a montadora insiste em colocar fim a um acordo com o sindicato, que garantia a “estabilidade no emprego” nas seis fábricas, justificando que era preciso pôr fim a esse “pacto” para reduzir gastos.

Os operários da Volkswagen, unidade Anchieta aqui no Brasil, conhecem muito bem a mentira dos acordos de estabilidade no emprego usado pela multinacional e a burocracia sindical. A Volks que em 1998 tinha 24 mil operários, hoje tem apenas 8.200, e com a conivência da direção do sindicato continua demitindo trabalhadores com doença ocupacional e que pela convenção coletiva já teria estabilidade no emprego.

Os operários da Volks no Brasil e toda classe operária em nosso país devem se solidarizar na prática com os operários alemães. Temos consciência de que, para derrotar a decisão da multinacional de fechar fábricas, cortar empregos, reduzir salários e arrancar direitos trabalhistas, é preciso ocupar as fábricas e impor o controle operário da produção.

O Boletim Nossa Classe defende que o Sindicato metalúrgico do ABC convoque imediatamente uma assembleia geral para se solidarizar com os companheiros da Volks na Alemanha e organizar nossa luta no Brasil contra os mesmos ataques patronais. Não ao fechamento de fábricas! Pelo controle operário da produção!

Denúncia dos operários da Volkswagen:

“A comissão de fábrica está cada dia pior!”

Durante a entrega do Boletim Nossa Classe na Volkswagen de São Bernardo do Campo, um operário comentou que a Comissão de Fábrica na Volkswagen está cada vez pior, pois sempre que algum operário faz alguma crítica sobre os ataques da Volks, da chefia, ou mesmo da própria burocracia sindical, a resposta que recebem é que tudo está nos acordos aprovados em assembleias pelos operários, e que, portanto, a comissão de fábrica nada pode fazer.

Colocar a culpa nos operários é a velha tática da burocracia para não organizar a luta. O que a burocracia não fala é que eles acabaram com a democracia operária no sindicato. As assembleias estão completamente burocratizadas e são feitas somente para impor as pautas já acordadas com a própria empresa e sem chance dos operários e correntes de oposição apresentarem suas propostas para serem votadas. Os dirigentes sindicais constantemente estão traindo os operários negociando acordos de demissão, terceirização, PDVs, lay-off, banco de horas etc., no ABC, em São Paulo, em São José dos Campos e demais regiões do país. Não defendem as rei-

vindicações e o método de luta próprio da classe operária, que são as greves, a ação direta, e utilizam os sindicatos como trampolim político, para conseguir cargos de vereadores, deputados, ministros e outros.

Diante dos ataques constantes dos patrões à classe operária, nós, do Partido Operário Revolucionário (POR), chamamos os operários a tomarem em suas mãos a luta pela formação de oposições dentro das fábricas. É preciso formar uma nova direção sindical classista e revolucionária, que livre o sindicato da direção burocrática, corrompida e traidora.

Para não expor os operários que decidem se organizar no chão de fábrica, o POR e o Boletim Nossa Classe vêm realizando os Encontros Operários mensalmente, para que de forma coletiva possamos retomar as comissões de fábricas e sindicatos para a real luta em defesa da classe operária. É urgente a defesa da democracia operária nos sindicatos, com direito de expressão nas assembleias para todos os operários e correntes políticas de oposição que estejam atuando no movimento operário.

23/11 • 17h • Presencial

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos.

Entre em contato: (11) 95446-2020.

Pernambuco

Pistoleiros pagos por latifundiários atacam camponeses do Engenho Barro Branco, baleando membros da resistência! Constituir a aliança operária e camponesa!

A Mata Sul de Pernambuco viveu mais um dia de terror e luta em 28 de setembro. Na data, uma missão de solidariedade de estudantes do IFPE e UFPE se deslocaram de Recife a Jaqueira/PE para levar alimentos, medicamentos e produzir matérias sobre os ataques dos latifundiários e a resistência camponesa, apoiada pela Liga dos Camponeses Pobres (LCP). Pela tarde, estava marcada uma assembleia popular. Logo que o sol nasceu, enquanto muitos camponeses estavam nas feiras da região, 14 camionetes fizeram um desfile macabro pelos sítios dos posseiros, anunciando os ataques. Junto com 50 pistoleiros da Agropecuária Mata Sul, cães e duas retroescavadeiras, pessoas ricas da região exibiam suas armas de grosso calibre. Diante do massacre iminente, os camponeses e estudantes organizaram sua autodefesa, com pedras, paus, instrumentos de trabalho e barricadas com fogo. Os pistoleiros acabaram atingindo uma estudante, uma camponesa e um camponês.

A resistência camponesa e estudantil frustrou o plano dos latifundiários de destruir casas e a sede da associação com a retroescavadeira e massacar os posseiros. A prioridade dos partidos e correntes políticas de esquerda eleitoreira tem sido a de caçar votos nas eleições municipais, pouca atenção tem sido dada à grave situação na mata sul. A tentativa de massacre contra os camponeses deve desencadear um forte movimento, envolvendo a classe operária, os camponeses e a juventude, pela expropriação sem indenização das terras dos Engenhos da região, estatização e entrega das terras aos que nela vivem e trabalham.

O Boletim Nossa Classe luta para que as centrais, sindicatos e movimentos sociais convoquem um Dia Nacional de Luta. Defende a constituição dos Tribunais Populares baseados na ação direta das massas para julgar e punir os crimes da burguesia contra os camponeses, indígenas e apoiadores. Constituir a aliança operária e camponesa! Organizar a autodefesa dos oprimidos!

Um ano de destruição e carnificina na Faixa de Gaza

Constituir uma poderosa frente única anti-imperialista para acabar com a guerra e o genocídio do povo palestino!

Era previsível que a intervenção do Estado sionista de Israel na Faixa de Gaza não ficaria circunscrita à operação militar de devastação das cidades, caça ao Hamas e à matança de mais de 41 mil civis palestinos. Isso por que o objetivo final não explicitado pelo governo israelense é o de anexar por completo o que restou do território da Palestina.

O momento exige da vanguarda que trabalhe no interior das organizações do proletariado e nos movimentos sob a bandeira de combate às guerras de dominação, pelo programa de ação de unidade dos explorados e pela estratégia socialista da revolução social. Está colocada no Oriente Médio a organização de uma frente única anti-imperialista para acabar com a guerra na Faixa de Gaza, Líbano e impedir que conflague de conjunto o Oriente Médio. No Brasil, essa linha proletária, para ser encar-

nada pelos explorados, tem de confluir com as necessidades mais urgentes da maioria oprimida, que se encontra mergulhada na pobreza, miséria e fome.

O Boletim Nossa Classe denuncia os Estados Unidos como o maior responsável pelo genocídio dos palestinos e mantém no Líbano. Denuncia sua responsabilidade pelo confronto de Israel com o Irã e o imperialismo norte-americano como o maior dos perigos para a humanidade. O Partido Operário Revolucionário, neste um ano de guerra do Estado sionista, tem se esforçado por organizar a luta do povo palestino sob a estratégia da República Socialista da Palestina e dos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.



Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Nossa Classe chama os trabalhadores a darem todo apoio ao Jornal Massas!**

A fase monopolista do capitalismo e a crise de superprodução

Sob a forma monopolista e de domínio do capital financeiro, o capitalismo entrou na era de sua decadência histórica. As contradições do modo de produção baseado na exploração do trabalho assalariado e acumulação de capital alcançaram o estágio mais elevado. As forças produtivas – máquinas, ferramentas, matérias-primas, força de trabalho etc. - já não podem se desenvolver livremente, uma vez que as relações monopolistas (poucas empresas controlando os principais ramos da produção), as encarceram. A extraordinária acumulação de capital não tem mais como ser aplicada plenamente na produção de mercadorias e produtos. Ocorre que os mercados estão saturados para um grande potencial industrial já instalado. Existe uma crise de superprodução.

Por um lado, muitas empresas com grande capacidade de produção e do outro, a classe operária recebendo um salário de miséria, com cada vez menos poder de compra. São trabalhadores esmagados pela exploração, pelo desemprego estrutural crescente ou pelo subemprego. Uma reforma implicaria incorporar uma grande parcela desses milhões no consumo, assegurando-lhes um salário mínimo vital, emprego, moradia, educação, saúde etc. Porém, é o contrário que ocorre. O capitalismo está lhes trazendo mais miséria e fome. A ciência e a tecnologia avançadíssimas já não podem ser amplamente aplicadas e estão a serviço da mera concorrência monopolista, sob controle das multinacionais e do imperialismo.

A impossibilidade de utilizar toda a capacidade instalada de produção da indústria recai sobre a classe operária na forma de fechamento de fábricas, desemprego e rebaixamento dos salários e direitos. O fechamento das quatro fábricas da Ford no Brasil em 2019, causando milhares de demissões, e o anúncio em setembro de fechamento de duas fábricas da Volkswagen na Alemanha, são expressão da crise de superprodução e do choque entre a produção que é realizada de forma coletiva pela classe operária e a propriedade privada monopolista dos meios de produção em mãos da burguesia. Somente colocando fim a propriedade privada, expropriando a burguesia do poder por meio de uma revolução social e estabelecendo a propriedade social, coletiva, dos meios de produção, será possível o livre desenvolvimento das forças produtivas.